

“Ideologia de gênero”:  
ofensiva reacionária, pânico  
e cruzada moral no México  
(2016)<sup>1</sup>

“Gender ideology”:  
reactionary offensive, panic  
and moral crusade in Mexico

Edméia Ribeiro<sup>2</sup>



**Resumo:** Uma ofensiva reacionária, ancorada em princípios como o da moral e valores da família tem tocado os imaginários sociais, incendiado debates, disseminado visões de mundo e produzido pânico moral. Trata-se do discurso antigênero, reconhecido pela locução “ideologia de gênero”, concepção bastante expressiva em documentos publicados por movimentos que se organizam em torno da defesa da “família natural” e que buscam mobilizar indivíduos devotos e leigos. O México, desde o ano de 2016, em função do envio ao Congresso do projeto de lei para aprovação do casamento homossexual, pelo presidente Enrique Peña Nieto (2012-2018), tem vivenciado intensa movimentação de grupos pró família e pró vida, e a internet – redes sociais - se configurou em importante ferramenta para mobilização da cruzada moral contra a questão de gênero. Neste artigo analisamos a produção e divulgação do discurso antigênero a partir das páginas do Facebook de algumas organizações mexicanas pró família, a saber, a ConFamilia (Consejo Mexicano de la Familia) e a Frente Nacional x la Familia, cujas visualizações e compartilhamentos de postagens de conteúdo antigênero atingem um número expressivo de usuários das redes sociais, contribuindo para a formação da inteligibilidade de indivíduos, criando pânico moral e movimentos sociais de caráter reacionário.

**Palavras-chave:** “Ideologia de gênero”; México; Facebook ofensiva reacionária; Cruzada moral.

**Abstract:** A reactionary offensive, anchored in principles such as family morals and values, has touched social imaginaries, ignited debates, spread worldviews, and produced moral panic. It is the antigender discourse, recognized by the phrase “gender ideology”, a very expressive conception in documents published by movements that are organized around the defense of the “natural family” and that seek to mobilize both devout and lay individuals. Since 2016, Mexico has been experiencing an intense mobilization of pro-family and pro-life groups, as a result of President Enrique Peña Nieto’s (2012-2018) submission



to Congress of the bill to approve same sex marriage and the Internet – social media networks - has become an important tool for mobilizing this moral crusade against gender. In this article we analyze the production and dissemination of the antigender discourse through Facebook pages of Mexican pro-family organizations, namely ConFamilia (Consejo Mexicano de la Familia) and Frente Nacional x la Familia, whose views and postings of antigender content reach a significant number of users, contributing to the formation of individuals' intelligibility, creating moral panic and reactionary social movements.

**Keywords:** “Gender ideology”; Mexico; Facebook reactionary offensive; Moral crusade.

Edméia Ribeiro  
“Ideologia de gênero”: ofensiva reacionária, pânico e cruzada moral no México  
(2016)



Os estudos de gênero<sup>3</sup>, tributários da História das Mulheres, domínio definido a partir das décadas de 1960/1970, que por sua vez organizou-se enquanto campo de estudos a partir dos movimentos feministas da primeira metade do século XX (SCOTT, 1992), têm ocupado um espaço cada vez mais amplo nas diversas áreas do conhecimento. As formulações iniciais sobre gênero o definiram como uma categoria analítica importante para explicar as diferenças entre homens e mulheres e as relações de poder como construção social das diferenças (o que incluía raça e classe) e rejeitou as explicações biologizantes que naturalizavam as desigualdades e os papéis destinados à mulher:

Gênero era sobre mulheres e homens, sobre como os traços atribuídos para cada sexo justificavam os diferentes tratamentos que cada um recebia, como eles naturalizavam o que era fato social, econômico e desigualdades políticas, como eles condensavam variedades da feminilidade e masculinidade em um sistema binário, hierarquicamente arranjado (SCOTT, 2012, p. 333).

O gênero, dessa forma, “tentou explicar a subordinação universal da mulher”, mas suas análises ficaram, a princípio, circunscritas somente ao âmbito das mulheres (PISCITELLI, 2002, p. 15). No final da década de 80 as feministas começaram a problematizar o processo histórico que levou sexo e natureza a se constituírem como elementos fixos nos estudos de gênero. Nas décadas de 90 e 2000, lembra Adriana Piscitelli, novas leituras sobre gênero começaram a dialogar com concepções relativas às “Novas Políticas de Gênero” – “movimento de reivindicação de direitos sexuais que defendia os direitos intersexos, transexuais e travestis” (PISCITELLI, 2009, p. 143). Algumas perspectivas sobre gênero ressaltavam as dificuldades colocadas pelas “classificações lineares” impostas pelas categorias “homens” e “mulheres”. A autora destaca a filósofa Judith Butler, para a qual esses indivíduos não se localizam necessariamente nessa tríade coerente “sexo, gênero, desejo”. Na atualidade, considerando as formulações de Butler, os estudos de gênero não ficaram mais restritos às discussões pertinentes a mulheres e homens, masculino e feminino. De acordo com Adriana Piscitelli,

Essas reelaborações mostram que as normas de gênero não estabelecem um consenso absoluto na vida social [mas sim] ampliam a ideia de humano, abrindo o espaço da compreensão, da inteligibilidade e da dignidade também para todos/as os/as “diferentes” em termos de gênero e sexualidade (PISCITELLI, 2009, p. 146).



Refletindo sobre as repercussões da discussão sobre gênero pela Igreja Católica e que chegou também nas instituições vinculadas ao ensino, na França, em 2011, e reiterando a natureza política do gênero<sup>4</sup>, Joan Scott escreveu, em 2012, um artigo intitulado "Usos e abusos do gênero". Observa que gênero se converteu em um termo impreciso e acabou por dar lugar a contestações, tornando-se um conceito "disputado na arena política" e se constituiu como um "termo de referência que atravessa o espectro político, com efeitos às vezes muito diferentes daqueles que as feministas originalmente intencionaram" (SCOTT, 2012, p. 331).

Na atualidade, na mesma direção observada pela autora em seus estudos sobre a França, podemos acompanhar também em outros países os debates e as disputas políticas que caracterizam a reflexão crítica sobre questões de gênero. Protestos e resistências têm aparecido com intensidade e força política protagonizados por instituições religiosas, expoentes de partidos políticos e movimentos conservadores criticando e disseminando discordâncias (e acirrando polêmicas) acerca dessa discussão. Percebe-se um discurso alarmista que tem tomado considerável dimensão em programas e projetos políticos, na mídia – a impressa e a da *internet* –, nas redes sociais, em organizações, movimentos coletivos, igrejas, entre outros, e tocado vigorosamente os imaginários sociais. Trata-se do discurso antigênero, mais comumente conhecido, como define Rogério Diniz Junqueira, pela estrutura discursiva "teoria/ideologia de gênero" (JUNQUEIRA, 2016, p. 231).<sup>5</sup> Segundo este mesmo autor, constitui-se em uma "ofensiva religiosa reacionária transnacional" para reafirmar valores tradicionais, como o da "família natural", por exemplo. Mostra-nos que essa ofensiva tornou-se um fenômeno mundial, presente em países da Europa, Ásia, América Anglo Saxônica e América Latina, difundindo movimentos de cunho social e político pautados pelo modelo cristão, cujo cerne consiste na defesa da vida e da família heterossexual.<sup>6</sup>

O que se pode inferir, é que nos últimos anos temos testemunhado um movimento transnacional que alerta para o surgimento de um tipo particular de "problema" denominado "ideologia de gênero". Esses discursos de caráter moral, alarmistas, raivosos e denunciadores, têm se ampliado e vêm tomando proporções gigantescas e intensidade preocupante uma vez que já não está somente restrito ao âmbito religioso, à Igreja Católica, mas ganha espaço amplo na sociedade, por meio da política, tocando os imaginários, fixando parâmetros e normas para os indivíduos - veiculado tanto por religiosos/as, por não praticantes ou pertencentes a uma religião e também por expoentes



da política partidária. A esfera pública caracteriza-se como espaço principal para a atuação de grupos e movimentos antigênero, e manifesta-se por meio de jornais, panfletos, cartazes, televisão, *sites da internet*, *blogs*, redes sociais etc. Como evidencia Aline Coutrot, a relação Igreja/Estado tem ficado em evidência e não é possível desconsiderar o fato de que há componentes religiosos nos votos, pois as Igrejas constituem-se em corpos sociais e difundem vários ensinamentos: pregam uma moral individual, coletiva, proferem julgamentos em relação à sociedade, fazem advertências, ou seja, tocam a consciência dos fiéis (COUTROT, 2003, p. 334). Dessa forma, propostas políticas que preconizam reparar e/ou refletir sobre as diferenças e desigualdades de gênero levam à compreensão de que há uma “ideologia” perniciosa para a “família natural”, à moral e aos bons costumes cristãos.<sup>7</sup> No caso específico da pesquisa apresentada neste artigo, percebe-se que o México tem se constituído em um dos diversos espaços intensamente marcados pela atuação desses grupos e seus respectivos discursos e pressão.

No México, esse fenômeno ganhou expressão a partir do episódio do reconhecimento do matrimônio igualitário.<sup>8</sup> Em 17 de maio de 2016, o presidente Enrique Peña Nieto enviou para o Congresso, com o apoio do Supremo Tribunal de Justiça, um projeto de lei propondo a aprovação do casamento civil entre pessoas do mesmo sexo. O envio desse projeto provocou uma onda conservadora/reacionária no país que, no dia seguinte - 18 de maio de 2016 (GOTLIB, 2016) -, surgiu a *Frente Nacional por la Familia* (na atualidade, *Frente Nacional x la Familia*), composta por diversas organizações, de cunho religioso e laicos também. A *Frente Nacional x la Familia* é liderada, no México, pela *ConFamilia - Consejo Mexicano de la Familia* (associação desvinculada de religião ou partido); a *UNPF – Unión Nacional de Padres de Familia* (existente desde 1917); *Red Familia* (nascida em 1999 e formada por várias outras instituições). (FRENTE NACIONAL POR LA FAMILIA, 2017). Por este motivo, o ano de 2016, no México, foi marcado por uma intensa movimentação de grupos pró família e pró vida, e a *internet* – em especial as redes sociais, como o *Facebook* - se configurou em importante ferramenta de produção e divulgação de informações.<sup>9</sup>

Na contemporaneidade, percebemos que a rede multimídia tem se constituído como veículo primordial – muitas vezes principal –, para a obtenção de informações e formação da inteligibilidade dos indivíduos. As ideias políticas estão sendo constituídas – e construídas – por intermédio das novas formas de comunicação e os imaginários sociais tocados pelas narrativas e posicionamentos ideológicos expressos.<sup>10</sup> Trata-se de um processo técnico



cultural que transformou a forma de comunicação entre os indivíduos e a sociedade em geral é considerada como um “[...] verdadeiro labirinto de práticas, discursos, atores sociais, consumidores produtores e vivências” (VALDETTARO apud SILVEIRA; AVELLAR, 2014, p. 9-22). De acordo com Bernardo Sorj e Sergio Fausto (2016), nesse espaço virtual encontramos esforços argumentativos e “visões” de uma sociedade desejada.

Ao pesquisarmos *sites* e páginas de vertente religiosa, na *internet*, que defendem a manutenção da “família natural”, formada por homens e mulheres (movimentos pró família) e condenam a união entre pessoas do mesmo sexo, assim como a adoção de crianças por estes casais, percebemos uma profunda conexão com as redes sociais e o seu uso sistemático, principalmente o *Facebook*. Nota-se essa ferramenta, na atualidade, com importância primordial no ativismo político, com capacidade de atingir milhares de indivíduos em poucos minutos.<sup>11</sup> Para Sorj e Fausto (2016), o ciberativismo é processado principalmente nas redes sociais, particularmente pelo *Facebook*, *Twitter* e na transmissão de imagens, pelo *YouTube*. O primeiro, diferente do *Twitter*, é utilizado para disseminar mensagens e conteúdos um pouco mais elaborados. A comunicação dominante no mundo virtual são as mensagens curtas ou imagens que mobilizam sentimentos e atitudes reativas. Palavras de ordem por meio das *hashtags*, mensagens curtas e imagens, que se tornam virais, se propagam em tempo real. As redes sociais não favorecem o debate argumentativo, pois prevalece a simplificação e polarização (SORJ; FAUSTO, 2016).

*Estamos hablando de un vehículo, la red, que hoy, y cada vez más, permea todas las actividades humanas y tiene como su consecuencia, la creación de un nuevo formato de espacio público, que conlleva nuevas formas de comunicación y organización de las relaciones sociales que afectan los diversos tipos de activismo político y sus contenidos* (SORJ; FAUSTO, 2016, p. 35).

Assim, neste artigo analisamos a produção e divulgação do discurso antigênero, a partir das páginas do *Facebook* de algumas organizações pró família mexicanas, quais sejam, a *ConFamilia* e a *Frente Nacional x la Familia*.<sup>12</sup> Apesar de tratarem-se de instituições de caráter laico, percebe-se um modelo religioso em suas postagens – estejam elas em forma de texto, entrevistas ou imagens – permitindo-nos refletir sobre a atuação religiosa no México em relação a assuntos que tocam questões morais.



## A dimensão religiosa mexicana

No México, a questão religiosa figura como um emblema do país, seja na sua forma primeira de manifestação (crença, fé, devoção) ou simbolizada pela recusa da sua presença – enquanto instituição – no local de atuação do Estado (anticlericalismo).

Soledad Loaeza em *La restauración de la iglesia católica en la transición mexicana*, busca entender na relação entre Igreja e Estado no México, a presença e retomada de forças desta instituição neste país. Nas reflexões que apresenta, salienta a presença física e constante do Vaticano. Apesar da política de secularização – bem destacada na Constituição – a Igreja Católica continuou como uma instituição sólida, mesmo com a legislação anticlerical e bastante obediente ao papa (LOAEZA, 2013, p. 170). Roberto Blancarte (1992) lembra que a secularização imposta não acarretou a perda da religiosidade do povo mexicano e nem diminuiu a influência social da Igreja Católica no México. A imposição de uma legislação impeditiva não foi suficiente para calar uma instituição como a Igreja Católica e nem para apagar a religiosidade do povo mexicano.

Frente às transformações políticas e econômicas vivenciadas pelo México, na década de 1970, a Igreja Católica acabou por beneficiar-se dessa situação, pois teve a oportunidade de criar espaços de participação e assumir um papel de liderança social.<sup>13</sup> No México, Igreja e Estado negociaram, informalmente, temas como a reforma educativa e planejamento familiar. Percebia-se uma crescente autonomia da Igreja Católica em relação ao Estado e a intensificação da presença do Vaticano ali. A crise no final do governo de José López Portillo (1976-1982), em 82, criou situações para que essa instituição avançasse em suas posições. O governo seguinte, Miguel de la Madrid (1982-1988), propondo respeitar a pluralidade da sociedade, proporcionou à Igreja “*la defensa de sus intereses particulares dentro del ámbito más amplio y efectivo de los derechos humanos*” (LOAEZA, 2013, p. 171-172).

Nos anos de 1982 até 1988 configurou-se um perfil mais harmonioso entre essas duas instituições, em detrimento da relação ambígua que vigorava até então. O papado de Karol Wojtyła (Papa João Paulo II) fortaleceu a vida interna da Igreja Católica no México, acontecimento esse perceptível pelo crescimento do interesse pelo sacerdócio nesse país.<sup>14</sup> Embora concentrando-se na censura à vertente católica defensora dos pobres e da luta pela terra<sup>15</sup>, outros temas tomaram espaço em suas preocupações, quais sejam, a presença de outras religiões na América Latina – proliferação dos protestantismos –, em especial



no México, colocando em perigo, de acordo com este pontífice, a “identidade católica do México” e a dessacralização da vida cotidiana. Nas palavras de Soledad Loaeza, a institucionalização da Igreja Católica se traduziu na plena imersão nos assuntos mundanos e presença atuante na sociedade, mais do que a ativação das suas relações com o Estado. Em sua terceira visita ao México, em 1993, o interlocutor mais importante para o Papa já não era o Estado e sim a população, em função da preocupação com a pluralização religiosa (LOAEZA, 2013, p. 174-201).

Considerando tais questões, notamos que o México consiste em um país que contou com a presença atuante e forte da Igreja desde o período colonial – assim como em outros espaços da América Hispânica – onde o processo de secularização da sociedade, marcada pelos ideais liberais, deu-se de forma institucional, imposta a partir de leis – inclusive presentes na Constituição de 1857. Tal aspecto marcou esse espaço, principalmente a partir da década de 1850, quando o Estado laico se impôs. Além dos embates entre a Igreja e o Estado, empreendidos a partir de então, esse país tem sido regularmente visitado pelos papas – João Paulo II (Karol Wojtyła), Bento XVI (Joseph Aloisius Ratzinger) e o atual, Papa Francisco (Jorge Mario Bergoglio).

Recentemente, a Igreja Católica e outras vinculadas ao círculo evangélico mexicano têm participado ativamente de determinados assuntos políticos, como aqueles voltados para a moralidade e prerrogativas cristãs, configurando-se em peça importante na produção e divulgação do discurso antigênero. Para Gloria Careaga-Perez, igrejas evangélicas e pentecostais, representadas pelo partido *Encuentro Social* expandiram sua cobertura – não só no México, mas em toda a América Latina -, chegando a setores e lugares onde o Estado está ausente (CAREAGA-PEREZ, 2016, p. 254). Dessa forma, o discurso do “amor e da família”, com forte conotação moral, deixa de ser prerrogativa do catolicismo e corrobora para a disseminação dos “perigos” da “ideologia de gênero” nesse país.

### **Gênese do discurso antigênero e sua matriz religiosa católica**

A partir da Conferência Internacional Sobre População e Desenvolvimento, no Egito, que aconteceu no Cairo em 1994 e da Conferência Mundial sobre Mulheres, em Beijin (Pequim), no ano de 1995 que o gênero começou a tornar-se algo inaceitável para a Igreja Católica. Nesse período, o Vaticano, preocupado com os rumos das discussões sobre a mulher e a família, iniciou uma cruzada



para desacreditar os trabalhos realizados a partir do campo de estudos do gênero.

Conforme Anthony Favier (2014), em seu princípio, os estudos feministas e de gênero passaram pelo catolicismo com relativa indiferença. Para ele, houve diálogo entre o feminismo e catolicismo e incorporação do conceito de gênero, sendo que os/as pioneiros/as dos estudos de gênero, na França, tiveram pouca ressonância nos meios de comunicação católicos.<sup>16</sup> O aspecto mais conhecido da relação entre igreja e gênero foi a partir da relação entre o Vaticano e as agências da ONU, na década de 1990, mas esse se constituiu em apenas um lado da recepção católica desse tema. Havia uma perspectiva cristã dos estudos feministas, “uma unidade de pesquisa e documentação de gênero no cristianismo”.<sup>17</sup> Nas outras Conferências, anteriores, como a de 1985, em Nairóbi, já havia aparecido a expressão, para designar o processo geral de atividades entre os sexos.<sup>18</sup> A oposição do Vaticano iniciou quando as questões de gênero encaminharam para discussões sobre o direitos das mulheres de dispor de seus corpos, como controle de natalidade – contracepção química e aborto como parte de uma política populacional.<sup>19</sup> Assim, para Favier, surgiu uma fratura entre o Humanismo Cristão compatível com os Direitos Humanos da perspectiva do Concílio Vaticano e as reflexões mais recentes sobre a inclusão dos direitos reprodutivos e minorias sexuais.

A partir da última década do século XX, conforme aponta Sara Garbagnoli, a campanha antigênero pautou-se na disseminação da ideia de que se tratam de pesquisas perigosas por tocar no “alfabeto humano”, ou seja, na naturalidade entre o sexo masculino e feminino e sua conseqüente complementaridade. Esses estudos atuariam por meio de manipulação categorial e linguística, promovendo uma “colonização da natureza humana” – pelas consideradas conseqüências devastadoras sobre as leis e políticas sociais. Configura-se na “demonização” do gênero. Para isso, a estratégia utilizada, via de regra, é a da distorção, manipulação, redução e subversão dos estudos de gênero. São traduzidos como “teoria do gênero”, ou seja, formulação encontrada pela Igreja para descaracterizar, diminuir e mostrar que não alude à realidade – que teoria não é prática, não é igual a vivência concreta dos indivíduos (GARBAGNOLI, 2014, p. 145). Essa formulação acabou por constituir-se em rótulo usado pelos opositores da pesquisa sobre gênero (FAVIER, 2012).

As primeiras significações foram atribuídas pela Igreja Católica. Entre os seus expoentes encontramos a obra “A agenda do gênero: redefinindo a igualdade”, escrita em 1997 pela norte-americana Dale O’Leary<sup>20</sup> (vinculada



à *Opus Dei*), que trouxe à cena a “Agenda do Gênero” afirmando que o objetivo dos “promotores da perspectiva do gênero” – por isso a Agenda –, presentes em Pequim, era desconstruir a sociedade na forma como existia e funcionava para implementar “uma sociedade sem classes e sem sexo”. Para isso, conforme essa autora, “propõem desconstruir a linguagem, as relações familiares, a reprodução, a sexualidade, a educação, a religião, a cultura, entre outras coisas” (O’LEARY apud ALZAMORA REVOREDO, 1998). O incômodo de O’Leary com os espaços que os estudos de gênero estavam alcançando já vinha, de acordo com seus escritos, desde a Conferência sobre População do Cairo, sobretudo em relação ao empoderamento das mulheres, questões relativas à saúde e aos direitos sexuais e reprodutivos. Percebia certa atuação ativista em relação à perspectiva de gênero por parte daquelas que participavam da WEDO (Organização das Mulheres para o Desenvolvimento e o Meio Ambiente) preparando, de certa forma, o terreno para a Conferência sobre as Mulheres, que aconteceria em Pequim em 1995. No seu entendimento, o evento trazia forte e atuante o “feminismo de gênero”. Para ela a própria ONU já se colocava como ativista no sentido de incorporar as questões pró-gênero (O’LEARY, 1997). Ela indaga e explica:

Qual é a relação entre a “perspectiva de gênero” e o fato de que os seus proponentes possuem uma extrema aversão a palavras como mãe, pai, marido e esposa? Por que os defensores da Agenda de Gênero referem-se ao casamento e a família em termos negativos? Por que um documento da ONU sobre as mulheres não tem quase nada de positivo a dizer sobre as mulheres que são mães de tempo integral? Por que a ONU não promove mais a “perspectiva da mulher”? [...] As feministas radicais e de gênero começaram pela análise marxista, mas se moveram em uma direção completamente diferente dos marxistas econômicos e políticos. Elas não estão trabalhando para uma revolução comunista, mas para uma revolução cultural. Querem derrubar a família, não o estado. Seus inimigos não são os capitalistas burgueses, mas os “puritanos”, os “fundamentalistas”, a “direita religiosa” e a “Santa Sé”. Promovem a vitimologia, a criação de novas classes de “oprimidos”. Declaram-se defensoras da justiça e da equidade, mas seu estilo de justiça e equidade somente se aplica aos “oprimidos”. Ademais, quando essas neo-marxistas alcançam posições de poder, raramente respeitam os direitos daquelas que discordam delas (O’LEARY, 1997, p. 2-23).

Entre manifestos, documentos e obras procedentes da instituição católica, no enalço de Dale O’Leary (praticamente uma reprodução), em 1998 o monsenhor



Oscar Alzamora Revoredo produziu um documento bastante prestigiado por ocasião da Conferência Episcopal do Peru, intitulado *La ideologia de género: sus peligros y alcances*.<sup>21</sup> No texto ele dialoga com as primeiras concepções apresentadas pelos estudos de gênero, que procuraram entender e definir as diferenças entre homens e mulheres enquanto construção social e as questões relativas à identidade de gênero. A contrariedade de Alzamora Revoredo (1998) se deu, principalmente, por entender que “há uma natureza dada a cada um dos seres humanos por seu capital genético [e com o “gênero”] toda a moral ficou à livre decisão do indivíduo e desapareceu a diferença entre o permitido e o proibido nesta matéria”.

Conforme as pesquisas de Rogério Diniz Junqueira (2016), em um documento produzido pela Cúria Romana em 2000, e publicado pelo Conselho Pontifício para a Família, intitulado “Família, Matrimônio e ‘União de Fato’”, encontramos pela primeira vez, num texto religioso, a designação “ideologia de gênero”. De acordo com Junqueira, será em 2003 que publicar-se-á “o mais amplo, incisivo e polêmico documento elaborado sobre o tema: o *Lexicon*: termos ambíguos e discutidos sobre a família, vida e questões éticas”. Trata-se, para ele, de um dicionário enciclopédico coordenado – e prefaciado – pelo cardeal colombiano Alfonso López Trujillo, que traz verbetes tematizando gênero, sexualidade e bioética produzidos por “conselheiros do vaticano ou atuantes em suas instituições de ensino”. Conforme este mesmo autor, os artigos do *Lexicon* reverberarão discursos sexistas e homofóbicos. Tony Anatrella, monsenhor francês e atuante no combate à união de pessoas do mesmo sexo, escreveu cinco deles para este dicionário, entre eles “homossexualidade e homofobia”. De acordo com Anatrella, nas palavras de Junqueira, a homossexualidade é

[...] algo sem nenhum valor, um emaranhado psíquico que a sociedade não pode institucionalizar. [pois] a sociedade não pode desconsiderar a “realidade objetiva”: o modelo natural de casal universal, composto por um homem e uma mulher heterossexuais. [por isso] seria preciso deixar de estigmatizar e de tachar de homofóbicos todos os que questionam a legitimidade da homossexualidade (JUNQUEIRA, 2016, p. 240).

É possível perceber, pelo exposto acima, a direta relação do discurso antigênero com o Vaticano, disseminado especialmente por organizações pró “família natural” e pró-vida. Tornou-se um movimento de expressão transnacional, envolvendo uma diversidade de atores, contextos e instituições, marcados por “elementos políticos e estratégias em comum”, em cuja forma de



atuação nota-se uma ofensiva reacionária. Os pontos de maior convergência de tais discursos/lutas políticas são a defesa da “família natural” e da educação dos filhos.<sup>22</sup> Dessa forma, segundo Junqueira, a Igreja Católica encontrou uma forma eficiente de colocar-se na esfera pública e decisória e ver propagados seus valores e ideais no tocante à defesa da tradição da família e da ordem sexual. A forma como os discursos são elaborados e disseminados atuam nos imaginários sociais promovendo alarme social e pânico moral.<sup>23</sup> Assim, “engendrado no cerne de um dispositivo conservador e reacionário, este sintagma-*slogan* se relaciona a processos de reformulação, atualização e legitimação de uma determinada visão de ‘humano’ e de uma estratégia de poder” (JUNQUEIRA, 2016, p. 244).

Consoante a esta perspectiva, a demonização do gênero como uma ameaça à Criação Divina e a promoção de pânico moral pode ser percebida no discurso Cardeal Robert Sarah produzido para o Sínodo Ordinário da Família, que ocorreu em outubro de 2015:

Um discernimento teológico nos permite ver em nosso tempo duas ameaças inesperadas (quase como dois ‘animais apocalípticos’) localizados em polos opostos: por um lado, a idolatria da liberdade ocidental; por outro, o fundamentalismo islâmico: secularismo ateu versus fanatismo religioso. Para usar um slogan, nos encontramos entre ‘ideologia de gênero e o ISIS’. Os massacres islâmicos e as demandas libertárias contendem regularmente para a primeira página dos jornais. (Lembremo-nos do que aconteceu em 26 de junho passado!)<sup>24</sup> A partir dessas duas radicalizações surgem as duas maiores ameaças à família: a sua desintegração subjetivista no Ocidente secularizado através do divórcio rápido e fácil, do aborto, das uniões homossexuais, da eutanásia etc. (Teoria do Gênero, o feminismo, Lobby LGBT, IPFF - Federação Internacional de Planejamento Familiar) [...]. Por outro lado, a pseudo-família do islamismo ideologizado que legitima a poligamia, a subserviência feminina, a escravidão sexual, o casamento infantil etc. Várias pistas nos permitem intuir a mesma origem demoníaca desses dois movimentos. Ao contrário do Espírito da Verdade que promove a comunhão na distinção, estes incentivam a confusão (homossexualidade) ou subordinação (poligamia). Além disso, exigem um governo universal e totalitário, são violentamente intolerantes, destruidores das famílias, da sociedade e da Igreja, e são abertamente cristóforos (BRACKE; PATERNOTTE, 2016, p. 147, tradução livre).

Outro detrator dos estudos de gênero e que também contribui para criar



pânico é o padre psicanalista Tony Anatrella, que os vincula a fenômenos como marxismo, comunismo, socialismo e nazismo.<sup>25</sup>

O marxismo através do comunismo e do socialismo nos prometeu um novo homem com a ideia depressiva de ‘mudar a vida’, em vez de assumir isso. O nazismo apelou para uma raça superior. Nós sabemos quanto essas falsas ideias foram letais de várias maneiras. E agora a teoria do gênero quer nos libertar da condição do nosso corpo sexual e da diferença sexual! (ANATRELLA apud FAVIER, 2012, p. 11-12, tradução livre).

Dessa forma, o marxismo, comunismo, feminismo (feministas lésbicas, radicais, “do gênero”), nazismo, e até o ISIS (Estado Islâmico), para esses núcleos conservadores constituem-se em empreendedores e disseminadores do discurso antigênero. Caracterizam grupos, fenômenos ou processos históricos como “demônios”, e organizam essa ofensiva reacionária, contribuindo para produção de pânico moral.

O discurso antigênero, por meio dessa ofensiva reacionária, que denuncia as pesquisas de gênero como o grande problema da contemporaneidade, além dos livros e documentos religiosos, como já foi dito, é também amplamente divulgado através de *sites*, páginas de *Facebook*, periódicos *online*, *blogs*, *YouTube*, entre outros, tocando os imaginários e criando alarmismo social em função do caráter exagerado e corrompido das informações que são veiculadas.

### **A Produção e divulgação do discurso antigênero pelas redes sociais no México: uma cruzada moral mediante Facebook, de organizações pró família “natural”<sup>26</sup>**

Os “empresários morais” (MACHADO, 2004) (religiosos, políticos, grupos pró vida e pró família), e que, segundo Miskolci e Campana (2017), têm interpretado os direitos humanos como uma ameaça à sociedade, ao delinear uma cruzada contra o gênero, atacam não somente as pessoas LGBTI e as feministas, mas mulheres e políticas que envolvem os direitos sexuais e reprodutivos, além de uma minoria que requer direitos políticos de inclusão, aceitação e cidadania. Essa campanha contra o gênero, no México, foi sustentada pela *internet*, por meio de *sites* engajados e pelas redes sociais, principalmente por intermédio de páginas do *Facebook*. A cada mensagem postada, pelos números sempre altos e crescentes das visualizações, curtidas e compartilhamentos, percebe-se acirrada campanha contra os assuntos, práticas e posicionamentos ideológicos/



políticos referentes às questões de gênero.

Várias são as organizações mexicanas voltadas para a defesa da família "natural" e sua primazia na sociedade. Na primeira década do século XXI, surgiu o *ConFamilia*, no ano de 2013, com propósitos voltados para a proteção da família formada por um homem e uma mulher. Em sua página no *Facebook* encontramos a seguinte definição: "*por la familia, elemento natural y fundamental de la sociedad*".<sup>27</sup> Uma outra, a *Frente Nacional x la Familia*, foi a criação mais recente e configura-se em uma organização formada por várias instituições da sociedade civil que se juntaram pela defesa da "família natural". No México, a *Frente Nacional x la Familia* surgiu para se contrapor às políticas inclusivas de Enrique Peña Nieto, em cujo pacote de mudanças incluía o casamento civil entre pessoas do mesmo sexo. De acordo com a justificativa do site, "*El Frente Nacional por la Familia, nace en respuesta al paquete de iniciativas en contra del matrimonio y la familia natural anunciado por el presidente Enrique Peña Nieto el 17 de mayo de 2016*". Este movimento, crítico à postura do presidente, esclarece, em letras destacadas, na página de apresentação do site, que se constituem em defensores e promotores do "*matrimonio, conformado entre un hombre y una mujer, y la familia natural, ambas bases de nuestra sociedad*". (FRENTE NACIONAL POR LA FAMILIA, 2017).

A militância contra o casamento igualitário e a respectiva adoção de crianças por esses casais, mesmo antes da proposta apresentada por Enrique Peña Nieto já ocupava espaço nas páginas do *Facebook* do *Consejo Mexicano de la Familia*. Mas no início de junho de 2016, intensificou a divulgação de mensagens de desaprovação ao projeto enviado à Câmara, pelo presidente. Uma das postagens estava composta por uma nota, a *hashtag* *#SalvaLaFamilia* e um vídeo do presidente da organização, criticando a iniciativa sobre igualdade matrimonial de Peña Nieto. Essa publicação atingiu o número de 60 mil visualizações e 3701 compartilhamentos (CONSEJO MEXICANO DE LA FAMILIA, 2016a). Mais publicações deram continuidade à cruzada contra o matrimônio igualitário, no mês de junho. Uma delas trouxe a síntese da entrevista com Juan Dabdoub, presidente do *Confamilia*, no programa *Hoy*, da Televisa: "não existe matrimônio homossexual" (CONSEJO MEXICANO DE LA FAMILIA, 2016c). Ao final, destaque para a *hashtag* *#QueNoTeManipulen*, seguida da foto do entrevistado. Nesta postagem foram 971 "curtidas" acompanhadas de 1048 compartilhamentos (CONSEJO MEXICANO DE LA FAMILIA, 2016f). Na outra, questionava a presidente do *CONAPRED - Consejo Federal Prevenir y Eliminar la Discriminación* sobre qual tratado internacional discorre sobre



o direito do casamento igualitário. Nessa, foram 1637 compartilhamentos (CONSEJO MEXICANO DE LA FAMILIA, 2016e). E as postagens sobre este mesmo tema continuaram, inclusive com números expressivos de visualizações e compartilhamentos (CONSEJO MEXICANO DE LA FAMILIA, 2016g). Reproduzindo o título da reportagem do periódico *El imparcial.com*, “*Llaman a frenar matrimonio igualitario*” e do jornal *Unimexicali.com*, sob o título “*Viola Constitución permitir matrimonio igualitario: FNF*”, em postagem feita em julho de 2016 foram 1,8 mil visualizações e 813 compartilhamentos (CONSEJO MEXICANO DE LA FAMILIA, 2016d). Em uma outra, o assunto dizia respeito à comemoração relativa à perda da votação para governadores do PRI (Partido Revolucionário Institucional) em vários estados do México. A hashtag da postagem destacava *#MéxicoDecidióPorLaFamilia #MéxicoVotóPorLaFamilia* e o texto veio assim expresso: “*Luego de la propuesta antifamilia del Presidente Enrique Peña Nieto, la sociedad se organizó en torno a la defensa de la Familia Natural. Resultado de ello, un Voto de Castigo al PRI y el triunfo de los mexicanos que creen en la Familia.*” Esta postagem teve 867 “curtidas”, 39 mil visualizações e 1609 compartilhamentos (CONSEJO MEXICANO DE LA FAMILIA, 2016b).

A página do *Facebook* pertencente à *Frente Nacional por la Familia* foi criada em 25 de maio de 2016 e alterada para *Frente Nacional x la Familia* no dia primeiro de junho deste mesmo ano (FRENTE NACIONAL POR LA FAMILIA, 2018). No mês de sua criação, esta organização já compartilhava a produção de vídeo explicativo feito por um jornalista chamado Rodrigo Iván Cortés, demonstrando os perigos do “ataque à família e imposição de gênero” que o projeto de união homossexual, proposto por Peña Nieto, impunha. O vídeo, na página do *Yo Influyo*,<sup>28</sup> teve 17.714 visualizações e 934 compartilhamentos (YO INFLUYO, 2016). Em uma das postagens feitas no mês de julho, a chamada intitulava-se “*Biología, NO Ideología. #YoDecifoXLaFamilia #DefendemosLaFamilia*”. A *Frente Nacional x la Familia* publicou outro vídeo, este produzido pelo *ConParticipación* (CONPARTICIPACIÓN, 2018). intitulado “*Teoria o ideología de género*”, chamando a atenção para o projeto de lei enviado à Câmara por Peña Nieto. Na página do *ConParticipación* o vídeo chegou a quantia de 44.757 compartilhamentos (CONPARTICIPACIÓN, 2016). Com a imagem de Peña Nieto e a manchete da reportagem do periódico *proceso.com.mx*, “*Marcharán en 60 ciudades contra iniciativa de Peña sobre matrimonio y adopción gay*”, em agosto a *Frente Nacional x la Familia* reafirmou sua missão de contrariar a iniciativa do presidente e marchar em cidades de todo o país para denunciar o projeto de união homoafetiva e adoção por esses mesmos casais (FRENTE NACIONAL



POR LA FAMÍLIA, 2016a). Em meados de agosto, na página da *Frente Nacional x la Familia*, encontramos a seguinte postagem:

La Conferencia Episcopal Mexicana ha decidido respaldar al Frente Nacional x la Familia y las marchas simultáneas del 10 de septiembre así como la marcha nacional del 24 de septiembre; es una decisión histórica a la altura de las circunstancias, para respaldar el matrimonio, la familia, el derecho de los padres de familia a educar a sus hijos y de rechazar los intentos de imposición de la ideología de género que se pretenden hacer desde el titular del ejecutivo federal. Va todo nuestro reconocimiento a los obispos de México por su valiente y congruente decisión.<sup>29</sup>

Em 9 de setembro de 2016, um reforço para convocação para as marchas é postado conclamando cidadãos mexicanos para que se reunissem em uma celebração em seus respectivos estados e cidades, exigindo o direito de educar livremente os filhos. Um vídeo de menos de um minuto é o chamariz para tal ato. Essa publicação recebeu 3,9 mil “curtidas”, 4305 compartilhamentos e 152 mil visualizações (FRENTE NACIONAL POR LA FAMÍLIA, 2016b). No dia seguinte, podemos encontrar outra publicação explicativa sobre a necessidade de sair às ruas para protestar, justificada pela imposição da “ideologia de gênero” na educação e casamento igualitário. A postagem objetiva desmentir imagens falsas feitas a partir de um panfleto produzido pela *Frente* com informações e conselhos “*para marchar en paz.*” Foram 1,4 mil “curtidas” e 1.123 compartilhamentos (FRENTE NACIONAL POR LA FAMÍLIA, 2016c). Neste mesmo mês, a *Frente* compartilhou um vídeo, de quase três minutos, protagonizado por uma mulher que se identificava pelo nome e sua função – mãe - antecedido da seguinte pergunta: *¿Sabes qué es la ideología de género?* Este vídeo “explicativo” teve 1,2 mil “curtidas”, 63.601 visualizações e 3.450 compartilhamentos (YO DECIDO X LA FAMILIA, 2016). Em setembro de 2016, bastante célere considerando a data de sua criação, esta organização já havia produzido uma obra refutando os estudos de gênero. A postagem do dia 14 de outubro apresentava imagem e reportagem sobre o lançamento do livro “*La Dictadura de la Ideología de Género en México*”, escrito por Fernando Guzmán, membro da *Frente Nacional x la Familia*. A postagem destacava as hashtags *#DefendemosLaFamilia*, *#NoTeMetasConMisHijos* e disponibilizava foto e a reportagem “*Ideología de género va en contra de la ciencia*”, produzida pelo periódico *eluniversal.mx*. Esta publicação recebeu 1,7 mil “curtidas” e 853 compartilhamentos (FRENTE NACIONAL POR LA FAMÍLIA, 2016d).



O que chama a atenção em relação às postagens apresentadas acima, é o aumento significativo, a cada publicação, de visualizações, curtidas e compartilhamentos. Percebe-se uma enérgica campanha para atingir os indivíduos, pautada no discurso da moral, normas sociais e costumes. As primeiras publicações começam com números mais tímidos, antes do projeto de Peña Nieto enviado à Câmara. Mas assim que a aprovação do casamento igualitário foi proposta, a campanha dos grupos e instituições pró “família natural” ficou mais combativa, impetuosa e aguerrida. Postagens de matérias jornalísticas, vídeos, entrevistas e fazendo uso de muitas palavras de ordem por meio de *hashtags*, advertem e amedrontam a população, insistindo nos perigos da proposta presidencial. As visualizações e curtidas saem da casa dos “mil”, avançando para milhões. Uma delas chegou a quase 4 milhões. Os compartilhamentos, embora em número menor do que as visualizações e curtidas, refletem também a preocupação em alertar a sociedade. Os vídeos são os mais disseminados. Nota-se, dessa forma, uma intensa e ostensiva campanha para criar alarme social e pânico moral.

Quando os estudos de gênero começaram a se caracterizar como base e amparar projetos e políticas públicas inclusivas, o discurso antigênero tornou-se mais contundente e aguerrido. Foi o que pudemos perceber a partir dos conteúdos das postagens efetuadas nas páginas do *Facebook* da *Frente Nacional x la Familia e ConFamilia* a partir da grande quantidade de visualizações, curtidas e compartilhamentos.

Ainda existem muitos outros *sites*, *blogs* e páginas de *Facebook* que, com perspectiva militante, criam, divulgam e repudiam a chamada “ideologia de gênero”. A maioria deles constituem-se em espaços virtuais vinculados diretamente à Igreja Católica e outros estruturados e mantidos por organizações que abrigam uma diversidade de movimentos de vertente católica e outras religiões cristãs.<sup>30</sup> Todos, independentemente da filiação religiosa, defendem a manutenção da “família natural”, formada por homens e mulheres (movimentos pró família) e condenam a união entre pessoas do mesmo sexo, assim como a adoção de crianças por estes casais. A reprovação da presença das discussões de gênero nas escolas também se constituiu em uma das frentes de luta desses grupos/movimentos.

### Considerações finais

As reflexões acerca dessa estrutura discursiva intitulada “ideologia de



gênero” surgiu dentro do Vaticano por ocasião das Conferências da ONU que ocorreram no Cairo e em Pequim (1994 e 1995, respectivamente). A aceitação da emancipação feminina, pela igreja e cristãos, caminhava sem conflitos, até o momento em que o movimento feminista avançou para o debate sobre as questões como o controle da natalidade, maternidade, aborto, direitos sexuais e das pessoas homossexuais. Contudo, quando o discurso feminista expandiu-se para o campo da família, questionando aspectos que poderiam desestabilizar a tradicional “família natural”, a igreja e grupos laicos puseram-se a criticar e atuar contra esse feminismo que, em suas palavras, não era mais o feminismo da igualdade e complementaridade – conforme a definição do Papa João Paulo II - mas sim, radical, o “do gênero” – e, portanto, perigoso e nocivo ao modelo de família heterossexual.

No México, a onda conservadora radical, que levou a uma ofensiva reacionária por parte de grupos e movimentos que defendem os “valores tradicionais”, mostra-se contrária às políticas afirmativas e valorizam elementos morais cristãos como estratégia política. No caso da “ideologia de gênero”, esta transformou-se em categoria política, disseminando tais preceitos como os únicos aceitáveis. Analisando a produção e divulgação de mensagens, textos e imagens que difundem o discurso antigênero, por meio do *Facebook*, percebemos que as publicações que questionam e criticam o casamento igualitário, pautam-se no argumento da lei natural que ampara a união unicamente entre homens e mulheres. Essas postagens também condenam a adoção de crianças por casais do mesmo sexo e a introdução das discussões de gênero na escola. Pudemos perceber sua força discursiva e sua potencialidade, em especial quando as postagens divulgam vídeos explicativos, com milhares de visualizações e compartilhamentos para cada postagem. Chama a atenção quando chegam à casa dos milhões de curtidas e arrebanham milhares de pessoas para passeatas contra a adoção por casais homossexuais e o casamento igualitário.

Percebe-se significativa eficiência alarmista gerando um clima de pânico moral, levando à preocupação, inquietação social e, conseqüentemente, à movimentos ostensivos, até mesmo beligerantes, contrários a tudo que se refere à denominação gênero, ou seja, uma cruzada moral, tocando, de diversas formas, mentes e corações na disseminação de tais visões de mundo. Essa ampla Frente que se formou no México, a *Frente Nacional x la Familia*, no início do ano de 2016, quando o presidente Enrique Peña Nieto enviou para o Congresso um projeto para aprovação do matrimônio homossexual, congregou vertentes religiosas e grupos conservadores de caráter laico, numa grande cruzada contra



a denominada “ideologia de gênero”. Essa frente mobilizou Igreja e movimentos pela família, junto com uma intensa ofensiva eclesial, católica, liderada pelo Cardeal Norberto Rivera<sup>31</sup>, alcançando a rejeição da discussão do projeto de lei na Câmara dos Deputados. O que se percebe é que a peculiaridade desta campanha, que produziu uma onda reacionária, proporcionou que grupos não lutassem para garantir - ou adquirir - direitos, mas sim para que outros não os tivessem ou os perdessem. Há, nesta atuação, um componente detratório, que rechaça grupos, movimentos e indivíduos negando a eles direitos e, até mesmo, a própria cidadania, ancorando-se na concepção da luta do bem contra o mal. E essas lutas saíram das igrejas, encontraram outros grupos - católicos, evangélicos, laicos e políticos -, tomaram as ruas, forçaram as portas do Estado, deslegitimando direitos e estigmatizando indivíduos, saberes e lutas. E vencida essa batalha, outras têm sido travadas...

### Referências

AHRENS, Jan Martínez. Igreja mexicana tira a ultradireita das catacumbas em ofensiva antigays. *El País*, México, 24 sept. 2016. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2016/09/24/internacional/1474675954\\_946407.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2016/09/24/internacional/1474675954_946407.html). Acesso em: 1 nov. 2018.

ALZAMORA REVOREDO, Oscar. *La ideología de género: sus peligros y alcances*. Lima: Comisión Ad Hoc de la Mujer: Comisión Episcopal de Apostolado Laical, Conferencia Episcopal Peruana, 1998.

BACZKO, Bronislaw. Imaginação social. In: ENCICLOPÉDIA Einaudi. Lisboa: Imprensa Nacional: Casa da Moeda, 1985. v. 5. p. 296-331.

BLANCARTE, Roberto. *Historia de la Iglesia católica en México*. México: El colégio Mexiquense: Fondo de Cultura Económica, 1992.

BRACKE, Sarah; PATERNOTTE, David. Unpacking the sin of gender. *Religion & Gender*, Amsterdam, v. 6, n. 2, p. 143-154, 2016.

BUSTAMANTE, Bárbara. Marcha por la familia es “ejemplo del despertar de México”, afirman. *ACIPRENSA*. 2016. Disponível em: <https://www.aciprensa.com/noticias/marcha-por-la-familia-es-ejemplo-del-despertar-de-mexico-afirman-34680>. Acesso em: 20. nov. 2018.

CAREAGA-PEREZ, Gloria. Moral panic and gender ideology in latin américa.



*Religion & Gender*, Amsterdam, v. 6, n. 2, p. 251-255, 2016.

CONPARTICIPACIÓN. #YoDecidoXlaFamilia. Monterrey, 16 jul. 2016. Facebook: ConParticipación. Disponível em: <https://www.facebook.com/watch/?v=827966693971313>. Acesso em: 6 nov. 2018.

CONPARTICIPACIÓN. *Sobre*. Monterrey, 2018. Facebook: ConParticipación. Disponível em: [https://www.facebook.com/pg/ConParticipacion/about/?ref=page\\_internal](https://www.facebook.com/pg/ConParticipacion/about/?ref=page_internal). Acesso em: 6 nov. 2018.

CONSEJO MEXICANO DE LA FAMILIA. El Consejo Mexicano de la Familia, em la voz de su presente, Juan Daddoub. México, 1 jun. 2016a. Facebook: confamiliamx. Disponível em: [https://www.facebook.com/confamiliamx/videos/1763026703937555/?\\_\\_xts\\_\\_\[0\]=68.ARD16-MeoNrggpG0Qy0sox8FYM\\_R5HzZ3n7\\_gDsOaK7HsnPt8d5Q7Y\\_uT-TgrSY0v691rj60iQS6bkmlJhmN-uewXPexam0HvF-hLQzNrxL2StH06CxbYwZiKyRmU8Li2Flu28HheRGYxACWmKewj5aLZCE1MLx2W1WXd3b1\\_f0TYFGV7nZWRpRRr439tZpaHWje9cosJyZ8HGriK1HloUeGkwk9prLBV5uSym4ZoeJGk\\_Fg\\_CfdZPwGtK3pJAm4gLX5vi0fqgsN3M3rJI-VsCUP2aPaUn2M--nQFqqG4sQKKjqwrh7FfrEWz7n7YXvWkT3fBY8M4wyLCvWQ0\\_s&\\_\\_tn\\_\\_=-R>](https://www.facebook.com/confamiliamx/videos/1763026703937555/?__xts__[0]=68.ARD16-MeoNrggpG0Qy0sox8FYM_R5HzZ3n7_gDsOaK7HsnPt8d5Q7Y_uT-TgrSY0v691rj60iQS6bkmlJhmN-uewXPexam0HvF-hLQzNrxL2StH06CxbYwZiKyRmU8Li2Flu28HheRGYxACWmKewj5aLZCE1MLx2W1WXd3b1_f0TYFGV7nZWRpRRr439tZpaHWje9cosJyZ8HGriK1HloUeGkwk9prLBV5uSym4ZoeJGk_Fg_CfdZPwGtK3pJAm4gLX5vi0fqgsN3M3rJI-VsCUP2aPaUn2M--nQFqqG4sQKKjqwrh7FfrEWz7n7YXvWkT3fBY8M4wyLCvWQ0_s&__tn__=-R>). Acesso em: 2 nov. 2018.

CONSEJO MEXICANO DE LA FAMILIA. *El pasado 5 de junio fue un día memorable en la historia de México!* México, 10 jul. 2016b. Facebook: confamiliamx. Disponível em: <https://www.facebook.com/watch/?v=1766539763586249>. Acesso em: 2 nov. 2018.

CONSEJO MEXICANO DE LA FAMILIA. *El Tribunal de Estrasburgo, sentencia que no existe el derecho al matrimonio homosexual.* México, 20 jul. 2016c. Facebook: confamiliamx. Disponível em: <https://www.facebook.com/confamiliamx/photos/a.1390750127831883/1781392665434292/?type=3&theater>. Acesso em: 2 nov. 2018.

CONSEJO MEXICANO DE LA FAMILIA. *Llaman a frenar matrimonio igualitário.* México, 10 jul. 2016d. Facebook: confamiliamx. Disponível em: <https://www.facebook.com/confamiliamx/photos/a.1390750127831883/1777540905819468/?type=3&theater>. Acesso em: 5 nov. 2018.

CONSEJO MEXICANO DE LA FAMILIA. *Los mexicanos seguimos esperando que la Presidencia del CONAPRED responda: [...]*. México, 24 jun. 2016e. Facebook: confamiliamx. Disponível em: <https://www.facebook.com/confamiliamx/photos/a.1390750127831883/1771533533086872/?type=3&theater>. 2 nov. 2018.

CONSEJO MEXICANO DE LA FAMILIA. *No existe el matrimonio homossexual, nos podemos corromper el language, no podemos violentar la realidad [...]*. México, 24



jun. 2016f. Facebook: confamiliamx. Disponível em: <https://www.facebook.com/confamiliamx/photos/a.1390750127831883/1771544666419092/?type=3&theater>. Acesso em: 2 nov. 2018.

CONSEJO MEXICANO DE LA FAMILIA. *Polarización por matrimonio igualitário em México: opiniones encontradas*. México, 22 jun. 2016g. Facebook: confamiliamx. Disponível em: [https://www.facebook.com/confamiliamx/posts/1770856379821254?\\_tn\\_=-R](https://www.facebook.com/confamiliamx/posts/1770856379821254?_tn_=-R). Acesso em: 2 nov. 2018.

COUTROT, Aline. Religião e política. In: RÉMOND, René (org.). *Por uma história política*. Tradução de Dora Rocha. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003. p. 334.

ENTREVISTA com Daly O'Leary, especialista em ideologia do gênero. *Centro da Família Coração de Jesus*. 2014. Disponível em: <https://centrodafamiliacj.wordpress.com/2014/03/09/entrevista-com-daly-oleary-especialista-em-ideologia-do-genero/>. Acesso em: 18 set. 2016.

FAVIER, Anthony. La réception catholique des études de genre. *Hall: archives ouvertes*, Lille, Sept. 2012. Disponível em: <https://halshs.archives-ouvertes.fr/halshs-00765786/document>. Acesso em: 8 mar. 2017.

FAVIER, Anthony. Les catholiques et le genre: une approche historique. *La vie des idées*, França, n. 25, Mar. 2014. Disponível em: <http://www.laviedesidees.fr/Les-catholiques-et-le-genre.html>. Acesso em: 10 jul. 2018.

FRANCO, Stella Maris Scatena. Gênero em debate: problemas metodológicos e perspectivas historiográficas. In: VILLAÇA, Mariana; PRADO, Maria Ligia Coelho (org.). *História das Américas: fontes e abordagens historiográficas*. São Paulo: Humanitas: CAPES, 2015.

FRENTE NACIONAL POR LA FAMILIA. 2017. Disponível em: <http://frentenacional.mx/>. Acesso em: 20 jan. 2017.

FRENTE NACIONAL POR LA FAMILIA. *Así es, en el Frente Nacional x la Familia marcharemos en 60 ciudades de todo el país, en defensa de la niñez, el matrimonio y la familia. México despertó y salimos a las calles a defender lo máspreciado que tiene, sus familias*. México, 24 ago. 2016a. Facebook: FrenteNacionalPorLaFamiliaOficial. Disponível em: [https://www.facebook.com/FrenteNacionalPorLaFamiliaOficial/posts/1285122848174332?\\_tn\\_=-R](https://www.facebook.com/FrenteNacionalPorLaFamiliaOficial/posts/1285122848174332?_tn_=-R). Acesso em: 4 nov. 2018.

FRENTE NACIONAL POR LA FAMILIA. *En defensa de la: vida, familia e libertades*.



México, 2018. Facebook: FrenteNacionalPorLaFamiliaOficial. Disponível em: [https://www.facebook.com/pg/FrenteNacionalPorLaFamiliaOficial/ads/?ref=page\\_internal](https://www.facebook.com/pg/FrenteNacionalPorLaFamiliaOficial/ads/?ref=page_internal). Acesso em: 4 nov. 2018.

FRENTE NACIONAL POR LA FAMILIA. *Gran marcha nacional, 10 de septiembre*. México, 9 set. 2016b. Facebook: FrenteNacionalPorLaFamiliaOficial. Disponível em: <https://www.facebook.com/watch/?v=1299733103379973>. Acesso em: 4 nov. 2018.

FRENTE NACIONAL POR LA FAMILIA. *Por qué salimos a marchar?*. México, 10 set. 2016c. Facebook: FrenteNacionalPorLaFamiliaOficial. Disponível em: <https://www.facebook.com/FrenteNacionalPorLaFamiliaOficial/photos/a.1224960597523891/1300323139987636/?type=3&theater>. Acesso em: 4 nov. 2018.

FRENTE NACIONAL POR LA FAMILIA. *Se presenta el libro "La Dictadura de la Ideología de Género en México" por Fernando Guzmán, Frente Nacional x la Familia*. México, 14 out. 2016d. Facebook: FrenteNacionalPorLaFamiliaOficial. Disponível em: [https://www.facebook.com/FrenteNacionalPorLaFamiliaOficial/posts/1331950620158221?\\_tn\\_=-R](https://www.facebook.com/FrenteNacionalPorLaFamiliaOficial/posts/1331950620158221?_tn_=-R). Acesso em: 4 nov. 2018.

FURLANI, Jimena. Existe "ideologia de gênero"? *Agência Patrícia Galvão*, 2016. Disponível em: <http://agenciapatriciagalvao.org.br/mulheres-de-olho-2/existe-ideologia-de-genero-entrevista-com-doutora-em-educacao-jimena-furlani/>. Acesso em: 18 jan. 2017.

GARBAGNOLI, Sara. Le Vatican contre la dénaturalisation de l'ordre sexuel: structure et enjeux d'un discours institutionnel réactionnaire. *Synergies Italie*, [S. l.], n. 10, p. 145-167, 2014.

GOTLIB, Denisse. *Família "natural"?* qué es el frente nacional por la familia? 2016. Disponível em: <https://plumasatomicas.com/noticias/mexico/familia-natura-que-es-frente-nacional-familia/>. Acesso em: 3 nov. 2018.

JOÃO PAULO II, Papa. *Carta do Papa João Paulo II às Mulheres*. Vaticano, 1995. Disponível em: [https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/letters/1995/documents/hf\\_jp-ii\\_let\\_29061995\\_women.html](https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/letters/1995/documents/hf_jp-ii_let_29061995_women.html). Acesso em: 20. nov. 2018.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. "Ideologia de gênero": uma categoria de mobilização política. In: SILVA, Márcia Alves (org.). *Gênero e diversidade: debatendo identidades*. São Paulo: Perse, 2016.



LOAEZA, Soledad. *La restauración de la iglesia católica en la transición mexicana*. México, DF: El Colegio de México, Centro de Estudios Internacionales, 2013.

MACHADO, Carla. Pânico moral: para uma revisão do conceito. *Interacções: sociedade e as novas modernidades*, Coimbra, n. 7, p. 60-80, 2004.

MISKOLCI, Richard; CAMPANA, Maximiliano. "Ideologia de gênero": notas para a genealogia de um pânico moral contemporâneo. *Revista Sociedade e Estado*, Brasília, v. 32, n. 3, p. 725-747, set./dez. 2017.

O'LEARY, Dale. *A agenda de gênero: redefinindo a igualdade*. Condensado da obra de Dale O'Leary, "The Gender Agenda". Lafayette: Vital Issues Press, 1997. Disponível em: <https://s3.amazonaws.com/padrepauloricardo-files/uploads/dcl1h0yrm9p44hv34yi5/agenda-de-genero.pdf>. Acesso em: 13 jan. 2017.

PISCITELLI, Adriana. Gênero: história de um conceito. In: ALMEIDA, Heloisa Buarque; SZWAKO, José Eduardo (org.). *Diferenças, igualdade*. São Paulo: Berlendis & Vertecchia, 2009.

PISCITELLI, Adriana. Recriando a (categoria) mulher? In: ALGRANTI, Leila Mezan (org.). *A prática feminista e o conceito de gênero*. Campinas: IFCH/Unicamp, 2002. (Textos Didáticos, n. 48).

RÉMOND, René. Uma história presente. In: RÉMOND, René (org.). *Por uma história política*. Tradução de Dora Rocha. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003. p. 13-36.

SCOTT, Joan W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica? *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.

SCOTT, Joan W. História das mulheres. In: BURKE, Peter. *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Unesp, 1992. p. 63-95.

SCOTT, Joan W. Usos e abusos do gênero. *Projeto História*, São Paulo, n. 45, p. 327-351, dez. 2012.

SILVEIRA, Emerson Sena; AVELLAR, Valter. Questões metodológicas da pesquisa sobre religião na internet. In: SILVEIRA, Emerson Sena; AVELLAR, Valter (org.). *Espiritualidade e sagrado no mundo cibernético: questões de método e vivências em ciências da religião*. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

SORJ, Bernado; FAUSTO, Sergio. *Activismo político en tiempos de internet*. São



Paulo: Edições Plataforma Democrática, 2016.

THOMPSON, Kenneth. *Sobre el concepto de pánicos morales*. Unq.edu [blog]. 1 abr. 2015. Disponível em: <http://editorial.blog.unq.edu.ar/2015/04/06/panicos-morales-en-clases-magistrales/>. Acesso em: 22 out. 2018.

YO DECIDO X LA FAMILIA. *Sabes qué es la ideología de género?* México, 9 set. 2016. Facebook: YoDecidoXLaFamilia. Disponível em: <https://www.facebook.com/watch/?v=1820628274840358>. Acesso em: 4 nov. 2018.

YO INFLUYO. *Rodrigo Iván Cortés explica el por qué la reforma propuesta por Enrique Peña Nieto contituye un ataque a la familia y una imposición de género*. Cidade do México, 30 maio 2016. Facebook: yoinfluyo. Disponível em: <https://www.facebook.com/watch/?v=1054476221298397>. Acesso em: 6 nov. 2018.

YO INFLUYO. *Sobre*. Cidade do México, 2018. Facebook: yoinfluyo. Disponível em: [https://www.facebook.com/pg/yoinfluyo/about/?ref=page\\_internal](https://www.facebook.com/pg/yoinfluyo/about/?ref=page_internal). Acesso em: 6 nov. 2018.

### Notas

<sup>1</sup>Este artigo faz parte das discussões presentes na pesquisa de pós-doutorado realizada pelo Programa de Pós-Graduação em História Social da FFLCH-USP– Universidade de São Paulo, com o título “O discurso antigênero no México: política, Igreja e a ofensiva reacionária (2000-2016)”, sob a supervisão da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Stella Maris Scatena Franco.

<sup>2</sup>Professora Universidade Estadual de Londrina - UEL.

<sup>3</sup>Para conhecer de forma mais aprofundada o desenvolvimento do conceito de gênero, suas principais linhas teóricas e as tensões presentes no âmbito deste debate, ver Piscitelli (2002) e Franco (2015).

<sup>4</sup>Joan Scott chama a atenção sobre a associação do gênero com a política desde suas primeiras reflexões, como é possível perceber em Scott (1992, 1995).

<sup>5</sup>Para este estudioso, “teoria de gênero” e “ideologia de gênero” constituem-se em sintagmas que aparecem na forma de “rótulos políticos”.

<sup>6</sup>Frente a uma grande quantidade de movimentos, organizações, associações etc., apresentamos algumas: a organização católica *HatzeOir.org*, com sede na Espanha; na França, entre vários, o movimento principal das associações pró família intitula-se *Manif Pour Tous*; outro é o movimento católico *Amour & Vérité*; nos Estados Unidos, diretamente está a própria Sociedade Americana de Defesa da Tradição, Família e Propriedade – TFP; em Cracóvia (Polônia), a Associação Pe. Piotr Skarga; na Rússia tem o ativismo pró família natural de Anatoly Antonov que, junto com Allan Carlson, idealizou o Fórum da Família Grande e o Futuro da Humanidade (Fórum FGFH); nas Filipinas, Comissão Episcopal para a Família e a Vida, presidida por D. Reyes; no Peru, tem-se a Coordenadoria Nacional Pró Família (Conapfam), dirigida por evangélicos cristãos. Ainda na América Latina



encontra-se a *Red Familia Colombia* e também os *Abanderados por la familia*; na Bolívia facilmente entra-se na página do Facebook da comunidade *Plataforma por la Vida y la Familia*; no México, *Frente por la Familia* e, no Brasil, encontra-se a Associação Nacional Pró-Vida e Pró-Família e também a página do Facebook Movimento Pró-Vida Brasil. Essas e outras referências constituem-se em movimentos, associações e organizações pela defesa da “Família Natural” (heterossexual), posicionando-se contra o aborto, o casamento gay e a adoção de crianças por casais do mesmo sexo.

<sup>7</sup>Vale acrescentar que o uso do termo ideologia na tese da “ideologia de gênero” evoca a ideia de mistificação, inversão da realidade. Neste artigo não vamos nos aventurar em assumir uma definição de ideologia, conceito espinhoso, quase labiríntico, mas denso e rico ao mesmo tempo.

<sup>8</sup>O recorte temporal escolhido para as análises presentes neste artigo foi o ano de 2016, referente ao período de envio do Projeto de Lei sobre casamento igualitário para a Câmara, no México, até a sua rejeição, em novembro do mesmo ano.

<sup>9</sup>Vale ressaltar que a cruzada moral, no México, ainda se mantém bastante ativa, denunciando outros aspectos da chamada “ideologia de gênero”. A questão do aborto é a militância do momento, conforme postagens feitas no Facebook da *Frente Nacional X la Familia*.

<sup>10</sup>De acordo com Bronislaw Baczko, o imaginário é entendido e comunicado através de um discurso e a utilização de uma linguagem que reúnam as representações de uma coletividade (nesse caso específico os discursos produzidos e veiculados nos sites e páginas de vertente religiosa da *internet*), com o propósito de oferecer um sistema de orientação aos agentes sociais em relação ao seu grupo, à sociedade global, às hierarquias, às relações de dominação, fundindo verdade e norma, informação e valor, que são operados pelo simbólico (BACZKO, 1985).

<sup>11</sup>A manifestações de rua no Brasil, em 2013, contaram com as redes sociais como principal instrumento de comunicação e mobilização, como o Facebook e o Twitter (SORJ; FAUSTO, 2016, p. 22).

<sup>12</sup>Esta pesquisa insere-se nos domínios da história política identificada como renovada, uma vez que aborda produção e divulgação de discursos cuja finalidade é alertar os indivíduos sobre práticas e ações consideradas perniciosas e destruidoras da moral religiosa. Trata-se do discurso antigênero, advertindo sobre os reflexos das propostas dos estudos de gênero na sociedade. Considerando essa temática própria da seara política, destacamos a concepção de René Rémond. Para ele, a Nova História Política explora quase todas as realidades da sociedade, como as classes sociais, fenômenos e crenças religiosas, meios de comunicação e relações internacionais (RÉMOND, 2003, p. 36).

<sup>13</sup>Nesse período houve a promoção de forte repressão e apagamento dos grupos de esquerda dentro da instituição católica, tanto que no final da década de 70 já não se constituíam mais em perigo para o Vaticano (LOAEZA, 2013, p. 170).

<sup>14</sup>João Paulo II fez cinco visitas ao México: em 1979, 1990, 1993, 1999 e 2002. Bento XVI foi em 2012 e o Papa Francisco em 2016.

<sup>15</sup>Uma das frentes combatidas foi a Teologia da Libertação, na década de 80. A partir da III Conferência Geral do CELAM, em 1979, em Puebla, o papa direcionou seu plano



de ação à vertente da Igreja Católica na América Latina que direcionava – e militava – em favor das classes oprimidas, a chamada igreja Popular - também conhecida como Teologia da Libertação. (LOAEZA, 2013).

<sup>16</sup>Yvonne PELLÉ-DOUËL, filósofa, em 1967, publicou *Être femme*, obra na qual louva o trabalho de Simone de Beauvoir como um trabalho que discute abertamente questões sobre as mulheres e abre caminhos que não poderão ser mais abandonados. O catolicismo, na década de 60, marcado pelo Concílio Vaticano II (1962-1965), saudou a “promoção das mulheres” e, com essa abertura, na França e na Bélgica, foi criada *l’association Femmes et Hommes dans l’Église*, em 1969/1970. A partir de então surgiram várias associações, organizações e publicações incorporando um elo intelectual entre o cristianismo e aspectos do feminismo da segunda onda (FAVIER, 2014).

<sup>17</sup>A Associação FHE (Femmes et hommes en Église), que nasceu oficialmente em 1970 (FAVIER, 2012).

<sup>18</sup>A primeira Conferência da Mulher aconteceu em 1975, na Cidade do México, e reivindicava-se a elaboração de um “guia de ação para acabar com a discriminação da mulher e favorecer o seu avanço social”. A Segunda, foi em Copenhague (Dinamarca), em 1980 e, a que antecedeu a de Pequim, aconteceu em Nairóbi, no Quênia, em 1985 (MISKOLCI; CAMPANA, 2017, p. 727).

<sup>19</sup>Em 1995, foi escrita a Carta do Papa João Paulo II às Mulheres. Percebe-se por este documento que sua intenção foi pautar a discussão da Conferência de Pequim a partir dos pressupostos da Igreja Católica. Além de ter enviado uma delegação oficial do Vaticano para os trabalhos preparatórios em Beijim, escreveu dialogando com as mulheres sobre dignidade e direitos. Em sua escrita, deixou bem explícito o que entendia como vocação e missão da mulher no mundo, aquilo que ela representava na vida da humanidade: mãe, esposa, filha, irmã, trabalhadora e consagrada (freira). Para ele, a mulher conjugava razão e sentimento. Nesta carta, o Papa antecipava-se à Conferência de Pequim para disseminar entre católicas/os – e não católicas/os também – concepções, modelos, ícones de mulheres, no sentido de reafirmar um modelo idealizado de mulher, expressar concepções contrárias àquelas que apareceriam na Conferência, como legalização do aborto, direitos reprodutivos, igualdade de gênero, direitos sexuais e legais, entre outros. João Paulo II, além da delegação enviada a Pequim com a incumbência de levar as concepções católicas, também fez o trabalho político de base, para difundir ideais cristãos, padrões de comportamento, questionando os encaminhamentos e concepções que a ONU vinha acolhendo e referendando – em especial aqueles derivados das questões de gênero. Usou um tom paternalista, de cuidado, respeito com a mulher, valorização que encobria o objetivo de manter o lugar da mulher na sociedade e a sua condição de diferente, inferior e submissa, embora o argumento principal em sua carta fosse o da complementaridade entre homens e mulheres: a mulher deixava de ser vista como subordinada aos homens e tornava-se complementar. Diferente, mas igual em dignidade. (JOÃO PAULO II, 1995).

<sup>20</sup>Dale O’leary é autora do livro “Gender Agenda: Redefining Equality” (Agenda do Gênero – nova definição da igualdade), dirige a revista de *internet* “The Factls.org” ([www.thefactis.org](http://www.thefactis.org)) editada em Washington, que se dedica aos problemas da política social seja nos Estados Unidos, como no mundo. A revista é sustentada pela Fundação da Cultura da Vida (Catholic Family & Human Rights Institute). Centro da Família Coração de Jesus. “Gender”- uma nova e perigosa ideologia. 09 mar. 2014.



<sup>21</sup>Este documento está acervado no *Site* da Conferência Episcopal do Peru e foi produzido com base no relatório “A Desconstrução da Mulher”, de Dal e O’Leary, de 1995 (<https://www.veritatis.com.br/a-ideologia-do-genero-seus-perigos-e-alcances/>). De acordo com Rogério Junqueira (2016, p. 235), foi “redigido para subsidiar os trabalhos preparatórios dos grupos pró-vida e pró-família para a Conferência de Pequim, [e tal] documento tornou-se uma referência”.

<sup>22</sup>Ainda segundo Junqueira, neste caso, “a defesa da primazia da família na educação moral dos filhos se faz acompanhar de ataques aos currículos escolares e à liberdade docente, em nome do ‘direito a uma escola não ideológica’ ou a uma ‘escola sem gênero’” (JUNQUEIRA, 2016, p. 242-243). Também sobre esse duplo direcionamento dos discursos antigênero (ou práticas políticas mesmo), Jimena Furlani (2016) percebe uma diferença na ênfase narrativa entre evangélicos e católicos. Enquanto que, para ela, os primeiros comumente destacam a nocividade da “ideologia de gênero” na educação denunciando-a como suposta “ameaça” às crianças e à família, os católicos, em função dos valores da ideologia judaico-cristã, apontam que o conceito de gênero causará mudanças no comportamento das mulheres, possibilitará a aprovação de leis para a liberação do aborto, para a aceitação das diferentes configurações familiares e reconhecimento dos direitos da população LGBT.

<sup>23</sup>Para reflexões acerca do conceito de pânico moral e alarme social, ver (THOMPSON, 2015; MACHADO, 2004).

<sup>24</sup>A referência a 26 de junho de 2015 aponta para o dia dos ataques terroristas do Ramadã na França, no Kuwait, na Somália e na Tunísia, bem como também é o dia em que a Suprema Corte dos Estados Unidos decidiu em favor da igualdade matrimonial.

<sup>25</sup>Tony Anatrella está entre os religiosos que não concorda com a remoção da homossexualidade dos transtornos psíquicos pela sociedade de psiquiatria e OMS (FAVIER, 2012, p. 12).

<sup>26</sup>O funcionamento das páginas de *Facebook* possibilita uma grande quantidade de publicações num mesmo dia. Por esta característica, não teríamos condições de analisar todas as postagens, em vista do excesso. Assim, optamos por escolher e apresentar mais detalhadamente algumas postagens, aquelas bastante representativas do tema, formato e estratégias (imagens, *hashtags*, reprodução de entrevistas de periódicos e televisivas, vídeos, textos/notas etc.) de divulgação, com o objetivo de apresentar o número de compartilhamentos.

<sup>27</sup>Embora encontremos na página do *Facebook* do *ConFamilia* um link para acessar o *site*, na internet, em nossas tentativas, no decorrer desta pesquisa, não conseguimos acesso, ficando somente com as informações presentes no *Facebook*.

<sup>28</sup>*Yo Influyo* constitui-se em uma revista eletrônica, fundada em 13 de maio de 2003. Define-se como “*Medio de comunicación que promueve la participación solidaria y subsidiaria de la sociedad. Ser un medio de comunicación de la sociedad con una propuesta de valor humanista, al brindar a las personas, a las empresas y a las organizaciones de la sociedad, la capacidad de influir en las decisiones de: Los gobiernos, Las empresas, Los líderes, Las personas. Un medio que influye en el ciudadano con criterio que busca propuestas inteligentes y de principios*”. (YO INFLUYO, 2018).

<sup>29</sup>Em 24 de setembro de 2016 ocorreu, na cidade do México, a *Gran Marcha Nacional*



por *la Familia* (e já havia acontecido outra, em 10 de setembro), organizada pela *Frente Nacional x la Familia*. A reportagem sobre essa marcha foi veiculada na página da *ACIPRENSA*, (*Agencia Católica de Informaciones - ACI Prensa*) e qualificada pelo presidente do *Consejo Mexicano de la Familia* como uma manifestação histórica e um exemplo do despertar do México. Ele se referia a um despertar cívico, depois de um tempo de apatia, ou seja, tratava-se de um movimento que saía de dentro da Igreja Católica e que se transformava em um movimento cívico em defesa da família heterossexual. Essa foi a segunda manifestação do ano contra o que esse movimento denominava como “pacote de medidas que Peña Nieto propõe a favor da ideologia de gênero”. Acusavam o governo de não proteger a família, considerada, por eles, a célula fundamental da sociedade. Para os líderes desses manifestantes, o Estado não só não a protegia como também a perturbava, desfazia, desordenava. Com a realização da marcha buscavam proteção ao matrimônio entre homens e mulheres (BUSTAMANTE, 2016). Percebe-se, nesta reportagem, que crenças religiosas se converteram em pautas cívicas, políticas – inclusive, no caso desse movimento, os manifestantes solicitavam uma reunião com o presidente com o objetivo de que ele aprovasse uma “*Iniciativa ciudadana para fortalecer a la familia e crear el Instituto Nacional de la Familia*”.

<sup>30</sup>Aqui, destacamos alguns vinculados à Igreja Católica. **ACIPRENSA**, (*Agencia Católica de Informaciones - ACI Prensa*); **SIAME** - *Sistema Informativo de la Arquidiócesis de México*; **Encuentra.com** é um portal católico, desenvolvido no México (na cidade de Monterrey) alinhado com a doutrina da igreja e que difunde conteúdos religiosos; **esposableesperanza.com**, também uma página com conteúdo religioso católico, entre outros.

<sup>31</sup>Arcebispo complacente com padres pedófilos e muito envolvido também com as elites. Sua figura ficou marcada por defender o pedófilo Marcial Maciel, fundador dos Legionários de Cristo. Perdeu o crédito, sua figura pública ficou prejudicada, mas nunca perdeu a influência. Na atualidade, em função da cruzada contra a “ideologia de gênero”, o setor mais extremista do episcopado o trouxe de volta à atuação pública (AHRENS, 2016).